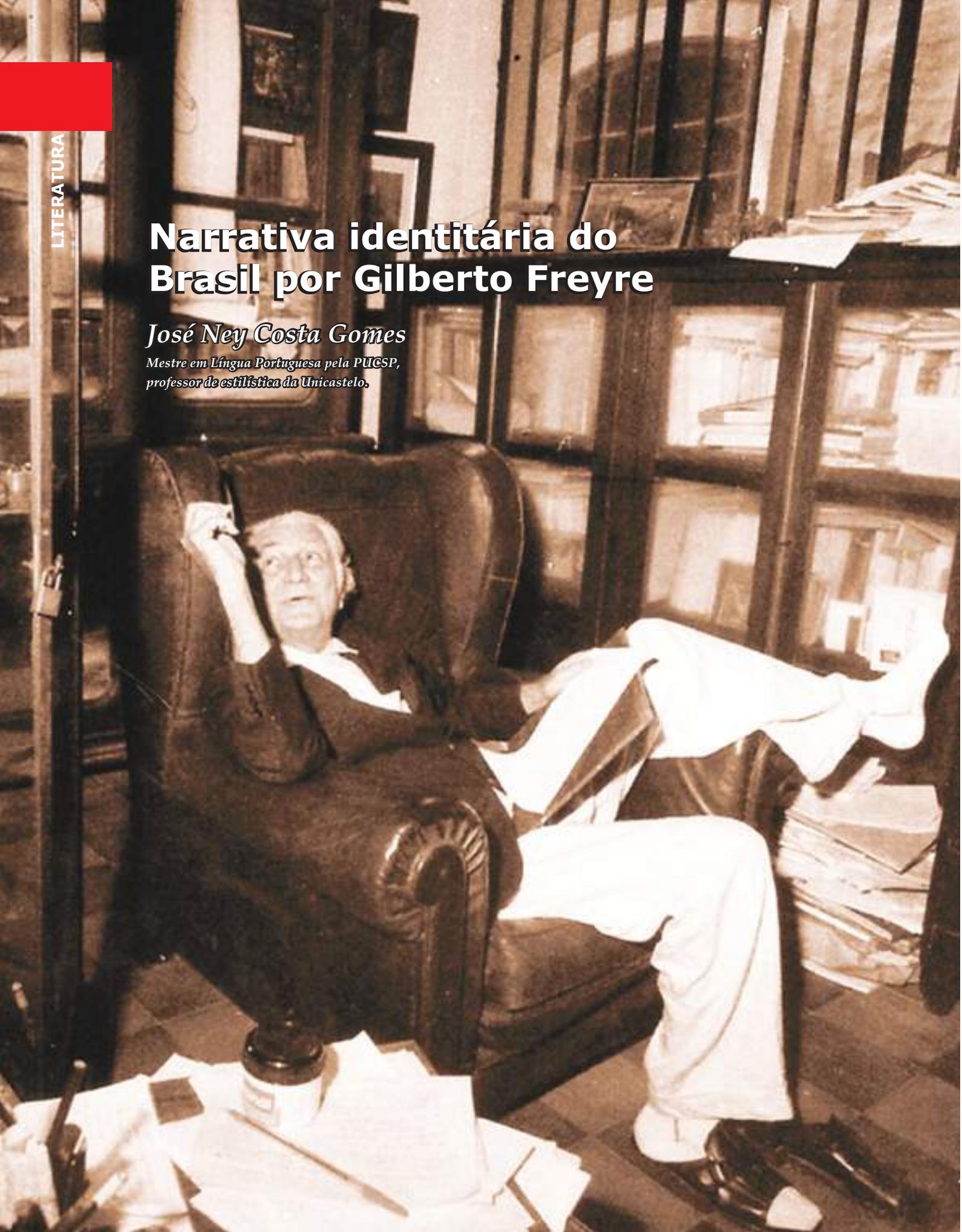


Narrativa identitária do Brasil por Gilberto Freyre

José Ney Costa Gomes

*Mestre em Língua Portuguesa pela PUCSP,
professor de estilística da Unicastelo.*



Gilberto Freyre propõe para o Brasil identidades cubistas, cambiantes, híbridas, identidades feitas de retalhos culturais, identidades dialógicas, troca de signos étnicos, mesclas de culturas criadas na ambiência tropical da língua portuguesa.

Se fosse possível desenhar a imagem do rosto do Brasil este seria mais fragmentado que o de Dora Maar, pois Freyre reproduzirá esteticamente a experiência pictórica fragmentária de Picasso ao propor um rosto multiétnico (multicultural) para o Brasil.

É curiosa a antevisão de Freyre para o problema que não se cala: qual é o rosto do Brasil?

O que ele diz a respeito? Nem um signo do Brasil nos conteria por inteiro, sempre algum fragmento ficaria de fora, excluído do conjunto, como dobra de um quadro cuja imagem escapa da moldura, extrapolando o suporte, sendo impossível, portanto, fixar o imaginário rosto do brasileiro.

A questão é que, a despeito da despersonalização constitutiva do Brasil, reconhecemo-nos como brasileiros. Apesar do nosso rosto de mil dobras, formamos um quadro único paradoxal ou uma moldura totalitária fragmentária, formamos, no conceito deleuziano, para além do paradoxo de superfície, uma **singularidade múltipla**. Na verdade, esta seria uma “identidade” (sempre aspeada) porque identidade composta de múltiplos agregados em torno de uma configuração territorial ou ecológica provisoriamente unida por uma projeção tipicamente especular, regime narrativo identitário do tipo joyciano, esquizóide, numa lúcida antevisão daquilo que Deleuze entenderá como nenhum outro pensador antes dele, (e a que chamou de **singularidade múltipla**), isto é, agenciamento múltiplo não mais de identidade, mas de identidades, por este conceito no singular implica à idéia de uma unidade totalitária, quase impossível de acontecer de fato, exceto em regimes políticos de exceção e por momentos esporádicos, no tempo histórico este, contemporâneo, capitalista.

A identificação cultural, por ser sempre crítica, é processo doloroso dos mais complexos, que envolve profunda ferida narcisista, um tipo de ferida subjetiva considerada no consultório psicanalítico como aquela dor psíquica das mais difíceis de interferir, curar, pacificar, por isso não se imagine com isso um jogo especular narciseo ou uma assunção auto-erótica do Brasil consigo mesmo, ao contrário, podendo se reconhecer em quaisquer espelhos, o brasileiro tende a não se reconhecer imediatamente com ninguém em face do outro, estrangeiro, porque complexamente superior e diferente, sempre.

A tese de Freyre é esta: nosso drama narrativo de origem é que o “estrangeiro” português ele mesmo híbrido na origem nos constituiu a partir de nós mesmo num outro ameríndio e estranhamente, brasileiro.

Não somos o único povo no mundo a ser constituído a partir de uma miscelânea de culturas, mas essa narrativa épica étnico-cultural no Brasil ganha foro de síntese universal no chão tropical.

É em Freyre que encontramos à proposta de interpretação narrativa do Brasil em face da identidade histórica portuguesa, espelho-mor da cultura, chão da mente, patrimônio linguístico; toda a escritura de Freyre é uma narrativa e exposição hermenêutica do drama ou complexo genético da identidade brasileira.

Em **Vida, forma e cor** (FREYRE, 1987), temos este retrato cubista do Brasil feito em contraponto: José de Alencar versus Machado de Assis.

Nestes ensaios, Freyre identifica paradigmaticamente o Brasil na literatura de ecologia tropicalista de José Alencar¹, seja na descrição das figuras de brasileiros marcados pelos tipos de personagens do ambiente familiar patriarcal e escravocrata, seja na ideologia cultural do familismo, seja naquilo que ele chamou de “paisagismo, naturalismo, indigenismo, sem rancor nem demagogia deste dom Quixote cearense” (1987, p. 125). Freyre é só elogios para Alencar: por este retratar o índio na sua nudez, por valorizar o protótipo brasileiro, por valorizar o falar agreste do sertanejo, por escrever usando o léxico e a sintaxe do português brasileiro, por usar as cores, as formas e os sons vogais matematicamente abasileirados, “naturais”, “nativos”, tropicais, por ser o criador primeiro da língua literária do Brasil, entre outras razões apologéticas da brasilidade de um escritor cearense, mas capaz de escrever sobre o devir carioca e gaúcho.

Nestes ensaios onde reinterpreta o cearense alongado em brasileiro completo, José de Alencar é tomado como símbolo contrapontístico, como paradigma do escritor nativista e luso-tropicalista, daquilo que Freyre irônica e erroneamente imputa e considera indiferença machadiana pelo Brasil (a questão é de gradação, Alencar é mais, Machado, menos, luso-tropicalista ou brasileiro); o retrato psicológico que construiu Freyre a esse respeito de Machado é pictórico no traço e demolidor na intenção: este ao invés de descrever a ambiência tropical brasileira como Alencar fazia, ficava a

fingir o tempo inteiro de branco fino, a bater janelas e a fechar portas contra toda espécie de paisagem mais cruamente brasileira, fluminense ou carioca, contra todo arvoredo mais indiscretamente tropical que lhe recordasse sua meninice de rua e de morro, sua condição de filho de gente de cor, de filho de família plebéia, de descendente de escravo negro, ficticiamente afdalgado por bigodes e barbas de ioiô branco, por lunetas de doutor de sobrado, por títulos de conselheiro do Império, se defende da memória de ter nascido mulato e quase mucambo e de ter crescido menino de rua e quase moleque (1987, p. 122).

Pecava, portanto, o autor Machado por não descrever a paisagem brasileira “crua”, nativista, brasileiro, assumindo o narrador machadiano, não a ótica irônica da elite na crítica de si mesma, mas o absenteísmo puro e simples de qualquer engajamen-

to societário. Ora, essa crítica é questionável desde que Roberto Schwarz (**Um mestre na periferia do capitalismo**, 1998) mostrou o nenhum absentismo de Machado da fase realista, pelo contrário, em indícios e implícitos mostra o espetáculo narrativo da voz autoral dissimulada regendo as contradições da sociedade brasileira oitocentista, isto é, liberal na fachada e cujo recrudescimento escravocrata já era então um aleijão histórico.

A esse título, há em Alfredo Bosi (1992, p. 266) uma defesa tácita do estilo machadiano, ao mostrar o quando é nele fundamental, para se interpretar a dissimulação narrativa da prosa realista do autor, considerar implícita ou subentendida a sociedade escravista e paternalista brasileira, de quem Machado pinta o retrato do “agregado”, sendo ele próprio uma espécie de autor “afilhado” da elite, razão porque a máscara de senhor lhe caía bem, afinal ou optava por isso ou:

Extinto o regime legal do trabalho cativo, restaram às suas vítimas poucas saídas: ou a velha condição de agregado; ou a queda no lumpem, que já crescia como sombra do proletariado branco de origem europeia; ou as franjas da economia de subsistência (BOSI, 1992, p. 266).

Para sobreviverem no Brasil de então, segundo Bosi, estes lobos em pele de cordeiro, escritores nascidos à margem da sociedade e que precisavam escalar um lugar ao sol da ascensão social, ensaiavam esta espécie de estratégia de dissimulação: “Machado de Assis e Cruz e Souza sofreram a condição de afilhados que jamais conseguiam superar a barreira da pele e da classe” (1992, p. 266). Assim, no aspecto onde Freyre concilia e harmoniza, Bosi confronta e dialetiza e nisso se completam. Psicologicamente, Freyre pode ter razão, há em Machado um complexo mestiço conflituoso², mas, literariamente, a razão é de Schwarz e Bosi, pois Machado pode não ser tropicalista, como preferiria Freyre, mas é brasileiríssimo na denúncia de um substrato societário injusto: escravocrata.

Apredemos nessa crítica de Freyre a Machado de Assis, nada mais, nada menos, do que uma reivindicação radical para assumimos a identidade recebida da ambiência luso-tropical e que se revela na reivindicação radical de autenticidade e verossimilhança dada pela função da literatura de retratar os tipos característicos da história e da sociedade brasileira mestiça. Ora, num país despersonalizado, é uma reivindicação estranha, principalmente quando anunciada em termos tão drásticos como é em Freyre. Assim é que o gênero textual literário (narrativo preponderantemente) a impressionar Freyre é aquele que precisamente irá fixar o rosto do Brasil cruamente para além das sutilezas machadianas.

A interpretação dos assuntos afro-brasileiros, a interpretação do homem urbano brasileiro, a interpretação folclórica e erudita do país, isto é, nomes das Letras como Antonio Calado, Ariano Suassu-

na, Nelson Rodrigues etc, para além do que Alencar é modelo, são exemplos de escritores exaltados por Gilberto Freyre; José Lins do Rego (intérprete do menino brasileiro) é outro exemplo paradigmático de literatura que se propunha ser a fixação de um rosto brasileiro, rosto brasileiro curiosamente composto a partir de uma “estética da miscigenação” que fosse a conjugação cultural de povos distintos aclimatados aos trópicos.

Freyre exalta no brasileiro a mesma capacidade de hibridização cultural do português original, homem cosmopolita como a cidade de Lisboa (etimologicamente cidade fundada por Ulysses: Ulyssea, depois, Olysipto, e finalmente, Lisboa) (1997, p. 234) e julga encontrar o signo da singularidade múltipla portuguesa no “edifício verbal da língua portuguesa” e no “estilo manuelino” (estilo “mestiço, oriental, chinês, indiano, africano, americano, atlântico”), estilo manuelino síntese da hibridização que acaba se refletindo no léxico complexo e múltiplo da língua portuguesa (léxico árabe, israelita, oriental, ameríndio) que é uma espécie de registro sociolinguístico (“estética da miscigenação que do plano biológico se estendesse ao sociológico”), (1987, p. 235) da despersonalização do povo português³, povo português que é católico no mais genuíno sentido da palavra “católico”: universal.

Para ele, a universalidade constitutiva do português vem historicamente desde o período do infante dom Henrique que estabeleceu o critério “cristocêntrico” de organização social acima do critério “etnocêntrico”, daí porque quase sempre (mas “não sempre”, diga-se de passagem, modalização discursiva que Freyre faz e seus críticos vulgares insistem em não perceber) historicamente o cristianismo português vem pacificando “homens de raças, classes, castas e civilizações diferentes” (1987, p.188). Isso quer simplesmente dizer que na sua tendência à aculturação, o português era isto: “cristão primeiro, português depois”; exceto em raras ocasiões históricas, os signos pictóricos da arte cristã universalista são exemplos de hibridização cultural pacificadora, quais sejam, “os Cristos retintamente negros, as madonas de olhos orientalmente oblíquos, os santos Antônio pardos e os São Franciscos indianos” (1987, p. 197).

Interpretando isso à luz de Deleuze podemos dizer que o corpo por onde flui a língua portuguesa é o corpo da terra inteira, corpo desterritorializado, corpo de múltiplas e infinitas combinações, confluências, agenciamentos, novas maneiras de estar e ser, novas maneiras de existir e porvir.

Sem abrir mão do humor, Freyre coloca a feijoada como um devir universal, como exemplo daquilo que, na nossa cultura híbrida, pode contribuir para a cordialidade e a aproximação entre os homens; já que é a feijoada um prato composto de uma feliz “combinação de saberes e sabores (por vezes dissabores) heterogêneos” (1987, p. 191).

Quer ninguém se engane com esse modo humorístico e duvide da lucidez de Freyre ao tratar esta

questão da identidade brasileira ou quando exige dos escritores brasileiros a criação de um rosto para o país, que seja este lingüística e sociologicamente pertencente à ecologia tropical; não se imagine o ridículo de um verde-amarelismo moralista nele, mas com certeza um sentido apaixonado de nossos signos mais inaugurais, paixão exaltada, talvez quando a época e a ideologia⁴ exigiram dele o modo apologetico de discutir essa questão.

A todo crédito, é preciso sair das aporias imobilizadoras da identidade brasileira. Não se definirá esse problema na aporia do Brasil é isto e não aquilo, pois ele é isto, aquilo e aquele outro e mais o que houver e vier.

O que se percebe é certa confusão nos comentários da escritura de Freyre entre o que ela efetivamente diz e o que é legado ou angústia da influência dela; confundem-se o mestre com seus discípulos mais ou menos fiéis, aqui me referindo em especial a Jorge Amado e Dias Gomes, discípulos de Freyre confundidos com o mestre; refiro-me ao cansaço em torno da discussão da identidade brasileira que vem daí, isto, é, dos discursos fantasistas do primeiro e da estereotipagem do Brasil via cinema e novelas amadianas da Rede Globo; percebe-se confusão em certa alusão indistinta de que tudo que se mostra do Brasil remota a Freyre, com o que ele é acusado de vulgarização ou simplismo que de fato não encontramos em sua obra.

O gosto da polêmica e o amor pelo brasileiro eram característicos de Freyre e nele não condeno isto: o Brasil deve ser um dos raros países do mundo onde um certo protecionismo cultural e lingüístico não é de todo mal, e deve ser um dos únicos países do mundo onde um pensador que faz apologia dos signos nacionais é sistematicamente ridicularizado injustamente por fazer isso, a despeito da verdade de que tenha sido o enunciador primeiro.⁵

O rosto do Brasil de Gilberto Freyre é voltado para a face pintada pela história, entendida em seu triplo aspecto temporal simultâneo, o tal tempo *tribio*, presente contínuo ocupado por uma presença presente, sensação durativa de ser algo ou alguma coisa; é assim que o país é avistado por Freyre com olhos generosos, olhos de estudioso social, mas também de artista, apologetico por engajamento político momentâneo, mas artista rigoroso na descrição da paisagem e da ambiência sócio-cultural híbrida do Brasil. Defendeu com unhas e dentes, enquanto cientista e enquanto estilista, em resumo, enquanto semiótico, a tese otimista de que não somos um povo-tumor a ser estripado da história ou sintoma de uma doença civilizatória incurável. Freyre tinha plena consciência de que a questão da identidade de um povo é sempre uma questão complexa, mas apostou otimisticamente no devir brasileiro. A esse respeito, não pode ser ainda confirmado letra por letra, o Brasil ainda está constituindo sua subjetividade cambiante, mas o que nos parece claro a partir da sua obra é que o devir

brasileiro vingou-se singular.

É de tal maneira assim que acontece que a obra de Freyre pode ser sintetizada nesta impressão: busca apaixonada ou apologetica das mil faces da identidade brasileira. Como filósofo, em tudo quando escreveu, pensou o Brasil, mesmo quando visava o universal. É por isso que Freyre, interpretado à luz de Deleuze-Guattari, atualiza a visada do brasileiro pela singularidade múltipla da brasilidade. Pois entender o Brasil enquanto subjetividade múltipla é entender a maneira de pensar de Gilberto Freyre como sendo capaz de explicar o funcionamento identitário do Brasil. Mesmo quando apenas revitalizava estereótipos, mesmo quando apenas recuperava do fundo perdido da história os nossos típicos brasileiros, já quase falsas máscaras quando entraram em funcionamento por processo de recriação sociológica e literária, mesmo quando trouxe a vida esses personagens da superfície, tal como estão gravados na escrita de José de Alencar, idealizados, mitificados, é ainda o rosto brasileiro híbrido, rosto complexo de soma de gentes, que vemos e nele nos reconhecemos, atualíssimos, a esperar por uma poética e uma ética (numa palavra: uma narrativa) que nos civilize como ser local e universal, rosto brasileiro presente no conjunto da subjetividade tropical.

Lendo e vivendo a história do Brasil, Freyre a ficcionalizou: criou-nos uma civilização portuguesa e ameríndia, tropicalista, com intensa lógica universalista, pois desde sempre, híbridos na origem, interculturais, interculturais, motores da universalização ou da nossa falta de caráter unitário⁶.

Freyre passou a limpo todas as visadas do Brasil: a singularidade lingüística de Alencar, o complexo identitário de Machado, filho de escravos a fingir-se (narrativamente colocado na perspectiva de) senhor dono de engenho, a sintaxe e os neologismos de Guimarães Rosa; se fosse vivo teria se ocupado das novelas da Rede Globo, herdeira da sua obsessão pela identidade brasileira, e de uma forma ou outra, fez-se presente na obra de um Darcy Ribeiro ou de um Sérgio Buarque de Holanda, nem que seja como contrapon-to. Pode-se dizer de forma peremptória que ninguém jamais pensou a multifacetada identidade brasileira sem se tornar devedor imediato de Gilberto Freyre.

Percebe-se hoje mal disfarçada fobia⁷ à obra freyriana que parece enjoativa para os complexados pela sensação de inferioridade, sintoma psicanalítico típico de povo colonizado, mas é quase impossível isto: não lhe admirar o estilo germinal e intuição interpretativa da nossa constituição heterogenética. Ninguém como ele mostrou que nosso hibridismo cultural de povo tropical globalizado constituiu uma subjetividade tensa e singular a partir desta contradição ou paradoxo: o povo brasileiro se identifica apenas momentânea e provisoriamente com aquilo que lhe atravessa de fora para dentro e de dentro para fora, fixamos uma face oscilante em vista do mundo especular e espetacular que olhamos de fora de nós

mesmos, como se fôssemos estrangeiros em nossa própria casa (para lembrar de Freud com quem dialogava costumariamente). No tempo narrativo tribio por ele criado, Gilberto Freyre, ontem, hoje e sempre, no instante alargado de uma duração instantânea, propôs um modo de vida sintético de ser brasileiro⁸.

Sou do time daqueles que se sentem estimulados pela paixão de Gilberto Freyre pelas coisas do Brasil, embora pessoalmente, até por uma questão estética, dispense o estilo apologético apoteótico ou apocalíptico.

Leio nas melhores páginas de Gilberto Freyre uma bela interpretação da semiose brasileira: cor e som, gosto da brasilidade. Quem escreve em língua portuguesa do Brasil reconhece a dificuldade que é parecer verossímil ao descrever e narrar a ambiência cubista do Brasil. Existe uma espécie de antitrama narrativa do Brasil, pois tudo nos parece inverossímil: até nós mesmos. Talvez seja por isso que divisamos por trás de Riobaldo, o culto e cosmopolita embaixador seu autor, por isso nem nos damos conta da inverossimilhança deste filósofo jagunço, e Freyre, que era muito sensível à questão da verossimilhança em literatura, talvez por isso tenha preferido o amigo íntimo José Lins do Rego, sem deixar, contudo, de reconhecer e exaltar a inovação experimentalista de Guimarães Rosa; fundamental para ele era o escritor parecer universalmente tropicalista, português, brasileiro.

Nenhuns dos conceitos criados por Gilberto Freyre são esqueletos formalistas pragmaticamente inúteis, tudo nele é complexa conjugação de saberes afins, pensamento complexo, multidisciplinar, heterogêneo, numa palavra, tudo nele é semiótico; pode-se resumir tudo que escreveu sobre esta rubrica: semiótica.

O que vimos chamando de Brasil desde sempre é essa troca semiótica de referenciais identitários múltiplos momentaneamente identificados no suporte significante, mas não significado unitário ou significação única: *brasil*.

Em conclusão ao que vimos discutindo, podemos dizer, em resumo daquilo que nos propõe Gilberto Freyre, que a identidade brasileira é uma identidade lingüística cimentada na língua portuguesa e na narrativa cultural luso-tropicalista (aquelas que visem acontecer nessa parte do mundo). O Brasil como o imaginamos hoje com essas várias faces sobrepostas é uma criação de Gilberto Freyre⁹.

André Stangl (2004), interrogando em Gilberto Freyre o que chama “a identidade cultural pós-moderna”, aponta para esse rosto flutuante de que vimos discutindo, rosto em perpétuo devir, rosto infixado porque seu lugar é o do fluir dos fluxos em intensa pulsão identitária; sustenta Stangl, que nenhum povo na “pós-modernidade” híbrida e nômade, pode reivindicar uma identidade sempre a mesma, pois isso seria mística e utopia, defender

a identidade absolutamente pura é cair no fosso da intolerância, representada hoje, pelo o que chama de “hipócrita senso do politicamente correto imposto pelo democratismo norte-americano” (STANGL, 2004). Assim, a hora e a vez são das culturas formadas por conjuntos de povos transnacionais, como é exemplo e ensaio em formação, o caldeirão cultural brasileiro dos povos luso-tropicais em torno da língua portuguesa.

A identidade cultural ou etnicidade de um povo é construção imaginária que se narra, isto é, a identidade de um povo jamais é essência intemporal, a identidade é a cada vez narrativa histórica seletiva¹⁰.

Portanto, expandindo a metáfora pictórica que vimos usando para retratar o Brasil, podemos dizer que o rosto fragmentado do Brasil pintado por Freyre é exemplo de narração cubista em curso: rosto multicultural que seleciona a cada vez um disfarce para aparecer e que reconhece no outro a parte constitutiva de si mesmo:

Para Freyre, a grande lição da miscigenação brasileira está justamente nesse reconhecimento do outro como parte constituinte de si mesmo. Acusado muitas vezes de defender o embranquecimento para uma suposta democratização das relações raciais, Freyre, justamente pelo contrário, apontava o risco de um multiculturalismo americano que ao invés de pregar a união e o reconhecimento, escondia sob uma aparente política de inclusão o distanciamento e até a guetização. Para Freyre, miscigenação não é a negação de sua múltipla herança cultural, pelo contrário, é sua afirmação (STANGL, 2004).

Vimos que a narrativa do Brasil por Gilberto Freyre, refletindo o Brasil no espelho cultural, inaugura uma visão do Brasil situada no espaço-tempo tribio, sucessivamente passado, presente e futuro nosso devir histórico¹¹.

As identidades do Brasil em Gilberto Freyre implicam um complexo de múltiplos fatores concorrentes: o clima tropical influenciando o meio ambiente sócio-cultural.

Além do mais, como diz Kujawski (1987), escrever narrativamente e interpretar hermeneuticamente o Brasil era um imperativo do projeto científico de Freyre.

A perspectiva genética da vida social é o mesmo que sua concepção dramática. Daí que o estilo sensorial-empático-compreensivo de Gilberto se concretize como um estilo narrativo. Para compreender as coisas em sua fluência temporal, para ver ‘como se faz de fato’, Gilberto tem que renunciar ao esquema explicativo a favor do esquema narrativo. (...) Para visualizar as coisas em situação, Gilberto tem que apelar sistematicamente para a descrição. Para narrar e descrever a realidade social, Gilberto tem de ser, antes de tudo, escritor. (...) Conclusão: o projeto de escritor de Gilberto Freyre foi a máxima integração de sua personalidade de analista e pensador

social. Não representou nada de decorativo ou adjetivo, mas exigência insubornável postulada por sua perspectiva de homem de ciência, pelo tipo de saber que deveria constituir (KUJAWSKI, 1987).

Assim é que, narrando o sincrônico a partir do diacrônico, Gilberto Freyre faz configurar a realidade como drama. É por isso que antes de ser cientista, ser narrador foi uma exigência estrita do rigor científico na obra de Freyre. Para explicar a identidade multifacetada do Brasil era preciso narrar o que acontecera antes ao país, geneticamente, e, narrativamente, imaginar-lhe o futuro, sem pânico de se tornar invadido, tomado como acontece ao cavalo-de-santo no candomblé, enfim, despersonalizado, pelo olhar do outro que nos ocupa de dentro.

Parafrazeando famoso título do livro nesta questão do que do faz o Brasil, Brasil (DaMatta, 1984), não bastam os 500 anos passados, necessários serão os 500 por vir, posto ser o rosto do Brasil um mural cubista que iremos construir e que hoje apenas está esboçado, por isso ainda não parecemos com ele, mas, no futuro, talvez venhamos a nos reconhecer. Urge, contudo, “cavar, em última análise, uma teoria da aculturação que exorcize os fantasmas elitista e populista, ambos agressivamente ideológicos e fonte de arraigados preconceitos; como diz Bosi a “teoria da cultura brasileira, se um dia existir, terá como sua matéria-prima o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil” (1992, p. 324).



NOTAS:

- 1 Em contraponto a Freyre: (o índio Peri): “é franca apologia do colonizador que viola abertamente a história da ocupação portuguesa e toca o inverossímil, é pesadamente ideológica como interpretação da ocupação ocorrida no processo colonial, ademais, mais do que uma cadeia narrativa verossímil, a prosa poética de José de Alencar por ser mito, não buscava o teste de verificação nem as provas do discurso historiográfico; o valor estético de um texto mítico transcende seu horizonte factual e o recorte preciso da situação evocada; o mito, como poesia arcaica, é conhecimento de primeiro grau, pré-conceitual, e, ao mesmo tempo, é forma expressiva do desejo, que quer antes de refletir” (BOSI, 1992, P. 179-180).
- 2 Diga-se a respeito: essa crítica de viés psicanalítico aponta para a dor narcisista característica da identidade sempre em crise do brasileiro. Há indício dela no presente, quando negros ascensos (Pelé) econômica e socialmente, preferem casar com brancas loiras, mesmo oxigenadas.
- 3 Fernando Pessoa com o seu outrar-se haveria de ser o quê senão português? Irlandês?
- 4 Há quem prefira interpretá-lo rasamente: “veja você o nosso mestre Gilberto Freyre, - a que ponto está levando o seu culturalismo. Suas últimas obras descambam para o lamentável sentimentalismo social e histórico; para o conservadorismo e o tradicionalismo. (...) Tudo está justificado se trazer a marca do mundo que o português criou e que nós vamos desenvolvendo e preservando, sim senhor, com a ajuda de Deus e de Todos os Santos Unidos. (...) Aí está um caso em que o método cultural carrega água para o monjolo da Reação”. (NEME, 1945). Citado por Carlos Guilherme Mota, p. 78, em *Imagens do Brasil: 500 anos*. São Paulo: EDUC, 2000.
- 5 Peter Burke, célebre historiador inglês, está escrevendo um livro sobre Gilberto Freyre, prevejo, por esse nosso complexo especular de invisibilidade, que nos faz visíveis apenas pelo olhar do outro estrangeiro, que após este livro ser traduzido para o mercado editorial do Brasil, e por então sermos vistos não por um brasileiro, mas por um estranho estrangeiro, o outro que nos estreita, vamos ter novamente uma febre em torno do nome e da obra de Gilberto Freyre no Brasil.
- 6 Neste sentido interpreto o Macunaíma: sem nenhum caráter unitário.
- 7 O que se chama fobia a Gilberto Freyre é a falsa imagem que o identifica na figura de um amante senhoril de mulatas, apologista da escravidão à brasileira, da exportação made in Brazil da versão expropriatória do capitalismo, e ridicularizam-no como se fosse um medíocre e não um dos melhores escritores brasileiros de língua portuguesa. A verdade, porém, é que, nenhum dos críticos de Gilberto Freyre se lhe iguala na escrita, na cultura, nem no pensamento original, entre todos os que se ocuparam da brasilidade.
- 8 Nosso povo esquizóide conhecerá o triunfo capitalista? Penso que esta era uma esperança de Gilberto Freyre: enriquecer o país para alimentar e educar condignamente o brasileiro, exterminar assim a narrativa perversa da casa-grande e senzala, acabar com o país das favelas e dos abismos socioeconômicos entre as pessoas, este era, é e será o caminho para nos tornarmos país (condição edípiana de ser país) de nós mesmos, sair da condição imaginária de vitimados por um país explorador, o império português de ontem e o império americano de hoje, para nos redimir acabando com nossos problemas concretos, principalmente, a ferida narcisista aberta da imobilidade sócio-econômica, problema emblemático do nosso sentimento de impotência histórica.
- 9 O escritor uruguaio Guillermo Gucci Schmit afirma pre-emptório: “la imagen del Brasil mestizo fue inventada por Gilberto Freyre”.
- 10 Segundo Canclini, “a identidade surge, na atual concepção

das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra” (1999, p. 148). Vivemos numa época onde não são raros os conflitos entre o interesse da tradição local e o escândalo do consenso global.

- 11 “Pois sua narrativa sociológica tenta envolver o leitor, para que este possa compreender o contexto onde se deu o fenômeno narrado. Sem menosprezar o peso de seu próprio olhar enquanto narrador (reflexividade), isto, diga-se de passagem, numa época em que reinava o positivismo científico e o marxismo militante. (...) A hermenêutica freyriana centra-se na aptidão intuitiva, perceptiva e compreensiva do autor. Não se encastela em abordagens monocórdicas ou maniqueístas, mas excede os limites do convencionalismo, distanciando-se do clássico padrão ‘heróis e vilões’ para celebrar a constelação da cotidianidade, através da história íntima do real”. (Quintas, 2000).

REFERÊNCIAS:

- BETH, Brait; BASTOS, Neusa (Orgs). *Imagens do Brasil*. São Paulo: EDUC, 2000.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1999.
- CANDIDO, Antonio. “Aquele Gilberto”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1972.
- FREYRE, Gilberto. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- FREYRE, Gilberto. *Biblioteca virtual Gilberto Freyre*. Artigos disponíveis em <<http://prossiga.bvfgf.fgf.org.br/portugues/escritor/index.htm>> Acesso em 31.maio.2004.
- LUCAS, Fábio. *Expressões da identidade brasileira*. São Paulo: EDUC, 2002.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. Gilberto Freyre e seu projeto de escritor. *Ciência & Trópico*. Recife, v. 15, n. 2, p. 175-186, jul./dez., 1987.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ROLNIK, Suely. “Esquizoanálise e antropofagia”. In: ALLIEZ, Eric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- SCHMIT, Guillermo Gucci. *Entrevista com Guillermo Gucci (em espanhol)*. “La imagen del Brasil mestizo fue inventada por Gilberto Freyre”. Colaborador: Prof. Darío Henao Restrepo - Univalle - Colômbia. Disponível em <<http://www.caffecomliteratura.hpg.ig.com.br/ev1.htm>> Acesso em 31. Maio.2004.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- STANGL, André. *Gilberto Freyre e a Identidade Cultural Pós-Moderna*. Disponível em <<http://astangl.sites.uol.com.br/freyre.htm>> Acesso em 31.maio 2004.